

# LINGUAGENS DO PODER

## O empreendimento como mediação s gnica do poder totalit rio com a massa

Dulce A. ADORNO-SILVA<sup>o</sup>

### RESUMO

Com base em Michel Foucault, esse estudo afirma que o poder n o tem apenas a fun o de reprimir, mas   uma rede produtiva que se tece por meio de sistemas de signos e atravessa o corpo social para conseguir o apoio das massas. Observa que isso se faz por meio de grandes empreendimentos, linguagens convencionais (terceiridade) do poder, para media o com as massas, que sentem na recep o dos signos o impacto previs vel (primeiridade), por causa da grandiosidade do monumento, que acaba por ocultar os desmandos do totalitarismo. Exemplifica com obras realizadas por Hitler, Vargas e pela Ditadura Militar. Conclui, questionando Foucault, que a Hist ria que nos determina   de sentidos que se modificam (mais que belicosa) usados em favor da legitima o do poder.

**Palavras-chave:** Poder; conven es; linguagens; empreendimentos; recep o.

---

<sup>o</sup>Professora da Faculdade de Publicidade e Propaganda (PUC-Campinas) e L der do Grupo de Pesquisa Propaganda, Significa o e Sociedade. Doutora em Educa o, Sociedade e Cultura (FE-UNICAMP). Mestre em Teoria da Literatura e Literatura Comparada (UNESP/Assis). e-mail: d.adorno@uol.com.br

## ABSTRACT

*Based on Michel Foucault, this study affirms that power does not only have the function of repressing but it is a productive net that is built through systems of signs and crosses the social body to get the support of the mass of people. It observes that this is done by means of great enterprises, conventional languages of power (outsourcing), as a mediation with the people, who feel in the reception of the signs the unpredictable impact (first source), due the grandiosity of the monument, which ends up by hiding the excesses of totalitarianism. It gives as examples the works by Hitler, Vargas and by the Military Dictatorship. It ends up by questioning Foucault that History, more than a mere matter of war, determines us is the one of the senses which change used on behalf of power.*

**Key words:** *Power; conventions; languages; enterprises; reception.*

## INTRODUÇÃO

Em *Microfísica do Poder*, Foucault (1996, p.8) declara que o poder não se exerce apenas pelo cerceamento: não diz apenas não,

*(...) mas produz coisas, induz ao prazer, forma saber, produz discurso. Deve-se considerá-lo como uma rede produtiva que atravessa todo o corpo social muito mais do que uma instância negativa que tem por função reprimir.*

A rede produtiva é tecida pelas linguagens do poder, que abrangem também objetos e espaços — que ele fabrica (empresas, monumentos, estátuas e praças), que constrói para representá-lo — e que se proliferam no meio social, porque trazem sua marca e impõem sua força ideológica por meio do discurso que produzem.

As expressões do poder tornam-se grandiosas, principalmente no Estado totalitário. Se, conforme Burdeau (2005, p.10) [1], o Estado é uma idéia, ele se manifesta por meio dos sistemas de signos que afetam a vida de todos os cidadãos. Portanto, enquanto Estado se expressa de modo a

construir uma rede ideológica de relações que pretende o consentimento da maioria dos cidadãos, sem o qual, o poder se enfraquece.

A comunicação entre o Estado e a maioria realiza-se pela tessitura das linguagens que o poder produz, a fim de conseguir sustentação em determinado período: legitimação — consentimento dos cidadãos em relação a suas propostas; e duração — permanência além de seu exercício. Determinados sistemas de signos como a fala, a escrita, os desenhos (signos icônicos), embora tenham sido mais usados pelo homem, não foram suficientes para satisfazer a sanha de fortalecimento do poder. Assim, esse artigo pretende analisar outras linguagens do poder: a produção de espaços e a construção de objetos — empreendimentos e monumentos — que expressam a grandiosidade do poder, porque, como uma convenção ideológica, têm por fim causar impacto na massa, que passa a comentar esses sistemas de signos políticos. O objeto de análise centra-se na construção de obras pelo poder totalitário, as quais produziram discurso, que são efeitos dessa expressão do poder sobre os indivíduos.

### AS CONVENÇÕES DO PODER

Para realizar seu intento, o poder utiliza-se de mensagens de propaganda divulgadas pelas linguagens humanas, pelos meios de comunicação, que o fazem se expandir em busca do reconhecimento dos cidadãos. Contudo, ele se projeta também no espaço e, conseqüentemente, no tempo, a fim de produzir coesão social em torno de si, para legitimar-se. A indagação se coloca: por quais meios o poder exhibe sua ideologia e como o faz para criar essa rede discursiva em torno de si?

As linguagens ideológicas do poder não se restringem, como já mencionado, àquelas reconhecidas como tais, que consistem em sistemas de signos sonoros: fala, música etc; ou sistemas de signos visuais: desenhos, pinturas, imagens em geral, produzidas pelas tecnologias de comunicação ou diretamente pelo ser humano. A ideologia do poder faz com que suas obras — empreendimentos e/ou objetos — expressem mensagens que atingem os indivíduos que as assimilam e as propagam.

Segundo Spengler (1993, p. 77), a grande virada na História do

homem foi decorrente não da evolução dos objetos, mas da Ação Coletiva Combinada (ou seja, os atos organizados de um número de indivíduos, mais ou menos elevados, em conformidade com um Plano). A ação coletiva (empreendimento) pressupõe um plano, a divisão de tarefas e tem, como condição *sine qua non*, a linguagem verbal, nascida do diálogo, cujas frases se ordenavam segundo a conversação entre várias pessoas, que tinham como finalidade o acordo mútuo (IBIDEM, p.80), a obediência ou a concordância, a pergunta, a afirmação e a negação. A finalidade da linguagem era desencadear uma ação coletiva (empreendimento), de acordo com uma intenção e com o tempo, lugar e meios disponíveis. O pensamento, para o qual a palavra é ato de matriz intelectual, realizava-se com auxílio dos sentidos, brotava da prática.

Embora Spengler considere que a grande virada da História dependeu da linguagem, base do empreendimento, e não dos objetos, reconhece a importância de ambos. O homem, para obter mais poder, amplia sua superioridade além de suas forças físicas, o que resulta no aumento da artificialidade dos processos (IBIDEM, p.84), que exige aumento do número de braços para executar as tarefas necessárias ao empreendimento que se projeta, conforme um plano e realiza-se pelo comando, por meio da linguagem. O empreendimento se faz por meio de uma técnica de dirigir e outra de executar, com a separação das atividades mentais e manuais (IBIDEM, p.86). A linguagem ao dirigir os empreendimentos diferencia dois tipos de homens: os que planejam (técnica de dirigir) e os que executam (técnica de fabricar).

Contudo, para expandir o poder, o homem procura estender seu domínio por meio da guerra como empreendimento com chefes e guerreiros, batalhas organizadas e objetos de destruição usados de forma adequada. Além disso, impõe-se a lei aos vencidos, perante a qual todos (ou seja, a maioria) deveriam ser iguais, mas que é sempre do mais forte, diante de quem, tem que se curvar o mais fraco (IBIDEM, p.90) [2].

O espaço da dominação não se delimita somente pela realização da guerra, uma vez que, para o poder ser exercido, é necessário que permaneça, impondo-se à massa por meio de outras linguagens além da verbal, mediação das leis, que são convenções estabelecidas pelo poder e impostas aos indivíduos da massa, que as devem aceitar mesmo que

as rejeitem. Por exemplo, no Brasil, durante a Ditadura, foram emanadas medidas provisórias, cuja convenção não se baseou no acordo mútuo do povo, mas dos detentores do poder.

O poder, além de lançar mão das linguagens do mando em função da obediência, por meio dos signos verbais que se propagam, conforme a época, pelos diferentes meios de comunicação, possui outras convenções para expandir-se. Pode-se afirmar, usando os termos conceituais da Semiótica de Peirce (1995), que o poder se exerce a partir da terceiridade, pois usa suas convenções por meio de ações derivadas de códigos que lhe são próprios.

Dentre tantas regras que caracterizam seu exercício, como leis, regulamentos, técnica, encontram-se os objetos e os grandes empreendimentos, diante dos quais, a massa reage de forma diferente de como o faz diante das regras impostas.

## OS EMPREENDIMENTOS COMO LINGUAGEM DO PODER

Este artigo não se propõe a analisar as guerras, uma vez que todos conhecem seus efeitos como poder exercido pela violência e aniquilamento de grandes massas populacionais. Esta análise debruça-se sobre outros empreendimentos mais duradouros, que provocam na massa reações planejadas pelo poder e lhe garantem permanência, além do período de exercício.

O ensaio *Hitler, por Speer*, (CANETTI, 1990, p.177) constata:

*As construções de Hitler destinam-se a atrair e reter as grandes massas. (...) Em locais enormes, tão grandes que dificilmente podem ser preenchidos, é dada à massa a possibilidade de crescer.*

Ao comentar o espaço aberto para conter a massa e seu crescimento, o autor refere-se também às 'edificações de caráter cultural' (os templos), que propiciam a 'repetição' regular, uma das formas de sustentação (domesticação) da massa. Cita o testemunho de Speer sobre a referência que o *fürher* fez às pirâmides do Egito (IBIDEM, p.178) [3], enfatizando

duas características dessas construções: a grandeza e a permanência. Embora Canetti afirme que elas funcionam como *símbolos de massa* e acrescente: *as pirâmides são o símbolo que não mais se desagrega*, redirecionamos sua declaração para: são símbolos do poder para a massa. Enfim, signos que, há milênios, atendem à convenção do poder, pois foram produzidos intencionalmente e em comum acordo por aqueles que o constituem, para propagar força e grandiosidade, que se impõem pela permanência. Por isso, impressionam a massa para quem são construídos. O poder deseja expandir-se, exibindo-se calculadamente pela concretude da grandiosidade; é o nível do pensamento, do plano para o empreendimento, que não permanece no projeto e sua realização, mas culmina com a reação das massas, onde os indivíduos são os efeitos do poder.

Os indivíduos das massas deparam-se com a amplitude do empreendimento, em nível de primeiridade, porque ele causa impacto, emoção, admiração, para que elas assimilem, em seguida, (secundidade) a individualidade do monumento e, reagindo a sua imponente, comparem-no com outros e comentem sua importância como identidade cultural, social e nacional (terceiridade). Através dele, o poder é perdoado das atrocidades cometidas e reverenciado. Essa expressão do poder é mensurável, porque a disputa entre poderes por meio dos empreendimentos grandiosos dimensiona o vencedor. Como exemplo o Arco do Triunfo da França tem cinquenta metros de altura, o de Hitler terá 120 (IBIDEM, p.181). Na concorrência pela supremacia do poder, Hitler pretende com esse empreendimento suplantar Napoleão Bonaparte (IBIDEM, p.184). O monumento individualiza-se como signo do poder, pois assume outra convenção: a supremacia em relação estabelecida ao monumento francês.

As dimensões do empreendimento, conforme o plano traçado pelo poder, baseiam-se também em outros símbolos — os números — que se traduzem em dimensões e espaços para agregarem em torno de si o maior número de indivíduos da massa, com o objetivo pré-estabelecido de torná-la coesa em relação à permanência do poder. Portanto, diferentes signos da abrangência da terceira idade são mediadores do projeto, ou seja, a partir deles os detentores do poder calculam o grau do impacto (primeiridade) sobre os indivíduos da massa. Há, pois, sustentada sobre

regras para a permanência do poder, a intenção da primeiridade que se fez e se faz por meio dos sistemas de signos produzidos pelo homem social e político, que conhece o mundo por meio de sistemas de signos convencionais.

## OS SIGNOS DO EMPREENDIMENTO NO TOTALITARISMO

Qualquer tipo de sociedade: humana ou animal -, tem a comunicação como base da sobrevivência, ou seja, usa signos independentes da variedade de seu sistema [4]. A sociedade animal possui linguagem dependente da programação da espécie, porque atende à convenção instintiva, biológica. Contudo, a sociedade humana, ao se desligar dos condicionamentos naturais no caminho para a evolução, a fim de preservar os laços sociais, estabeleceu sistemas convencionais sociais para qualquer tipo de comunicação, porque nenhuma comunicação se produz sem os vários sistemas de signos.

Como já mencionado, a linguagem verbal foi a base do empreendimento, que atende aos interesses do poder (BURDEAU, 2005, p. 4) [5] para dominação e permanência. No entanto, o empreendimento político culmina com a realização de projetos arquitetônicos planejados pela ação política.

A partir dos tipos de projeto em que se alicerça a idéia de poder do Estado — democrático, totalitário ou de exceção —, a comunicação também se define, ao mesmo tempo em que se faz mais adequada aos meios pelos quais se processa, à intenção do poder que se exerce, assim como ao modo como o poder considera os cidadãos que comanda.

No Totalitarismo, a relação do poder instituído com a população está longe de ter dois fluxos de direção (ida e volta), porque ele somente se implanta, quando a democracia se fragiliza devido à descrença da massa para com os partidos políticos, à inflação, ao desemprego, à perda do interesse do indivíduo por si mesmo, ao desprezo pelas regras do bom senso. Tudo isso gera o que Arendt (1989) denomina *sociedade atomizada*. As imposições do poder, feitas por meio de sistemas de signos, como os grandes empreendimentos, afetam emocionalmente o homem atomizado,

isolado e sem relações sociais normais, que acaba por aceitá-las, como sua tábua de salvação.

No Estado Totalitário, para que essa relação se solidifique, as massas são conquistadas por meio da propaganda política, realizada não apenas através das linguagens dos meios de comunicação de massa, mas também por meio da realização de grandes projetos arquitetônicos:

*Os movimentos totalitários objetivam e conseguem organizar as massas — e não as classes, (...) nem os cidadãos com suas opiniões peculiares quanto à condução dos negócios públicos (...). Todos os grupos políticos dependem da força numérica... (ARENDR, 1989, p.358).*

O totalitarismo conduz seus tentáculos convencionais por entre a massa atomizada, para que ela o apóie e reverencie.

A diferença entre os tipos de Estado — democrático e totalitário — define a diferença dos usos das linguagens escolhidas para a comunicação entre o poder e os cidadãos ou a massa. Para isso, uma das convenções do Estado totalitário é a opção pela construção dos grandes monumentos: eles chamam a atenção (não há como não vê-los), impressionam e produzem discurso (todos os indivíduos os comentam, fotografam, escrevem sobre eles etc). Logo, a massa, por meio de outros sistemas de signos, reitera-os, porque eles se tornam objetos de culto massivo e, assim, conforme Canetti, a repetição mantém a massa coesa, em torno da meta, que, definida pelo poder, corresponde ao culto à grandiosidade e à permanência do monumento, que se torna identidade nacional.

Por esse motivo, citam-se alguns exemplos, dentre os quais o primeiro toma-se da citação que Canetti faz em seu livro sobre a constatação de Speer, referindo-se a Hitler:

*Sua paixão por construções destinadas à eternidade fazia com que se desinteressasse completamente por redes de tráfego, zonas habitacionais e áreas verdes: a dimensão social lhe era diferente (CANETTI, op.cit., p.182).*

No Brasil, os regimes totalitários repetem as convenções de comunicação usadas em outros países, o que comprova a opção dos

governos ditatoriais pelos grandes empreendimentos como sistemas de signos, cuja mediação transforma em efeitos do poder os indivíduos da massa. O governo de Getúlio Vargas cria, em 1930, o Ministério do Trabalho e legaliza os sindicatos em 1931; em 1940, a Companhia Siderúrgica Nacional; em 1942, a Vale do Rio Doce e, ainda nesse ano, negocia com os Estados Unidos a fundação da Petrobrás em troca de apoio às Forças Aliadas, na Segunda Guerra Mundial; entre 1939 e 1941, inicia a abertura da Avenida Presidente Vargas, cuja construção contou com a demolição de monumentos históricos [6] etc.

A grande estratégia de comunicação com as massas, não foi somente a criação do Ministério do Trabalho, mas o fato de, em 1943, tê-lo associado à promulgação da CLT (Consolidação das Leis do Trabalho) [7], que representou o sistema de signos absolutamente convencional que atendia à expectativa da massa de trabalhadores. Por isso Getúlio ficou conhecido como ‘O Pai dos Pobres’ e todos o idolatravam. Os grandes empreendimentos suscitaram adesão, aprovação, legitimação em decorrência desse fato.

Outros exemplos podem ser colhidos da linguagem do empreendimento, que se expressou durante a vigência da Ditadura Militar no Brasil, no período da Guerra Fria, quando o regime preocupava-se com a construção da Usina Nuclear Angra dos Reis (Angra 1) e de Hidrelétricas, como Itaipu, rodovias etc. Já se colocavam questões semelhantes a que foi feita por Speer, citada por Canetti (1990). Por que os governos não se preocupam em construir estradas vicinais para escoamento da produção agrícola, ou perfurar poços artesianos para reduzir o problema da seca no Nordeste, ou investir em geração de empregos para que a massa de imigrantes não seja obrigada a se deslocar para a região sudeste em busca de empregos?

Certamente, essas ações seriam pequenas (sem grandiosidade), e isoladas em espaços pouco significativos, para que o poder tivesse (permanência) e conseguisse cooptar a massa numerosa ao seu redor. Essas pequenas mediações não teriam o mesmo efeito de grandes empreendimentos no centro do populoso espaço urbano, ou a repercussão midiática dos grandes empreendimentos. Essas obras formam saber e produzem discurso, impressionando o indivíduo (primeiridade), motivo por que ele é um dos primeiros efeitos do poder.

## A REDE PRODUTIVA

Os sistemas de signos, as linguagens, são o grande móbil do poder totalitário em busca de legitimação ou de consentimento popular para as ações governamentais e de inibição a possíveis reações de oposição. Logo, os empreendimentos realizados e/ou monumentos são linguagens do poder, visto que suscitam sentidos, a partir dos processos de significação que lhes acrescentam significados, devido à sua permanência [8]. Eles produzem sentidos, primeiramente ideológicos como expansão e fixação do poder instituído e depois adquirem o sentido da identidade nacional, do reconhecimento de quem o produziu, ignorando-lhe as ações negativas. A Avenida Presidente Vargas não revela, por exemplo, a perseguição aos comunistas ocorrida durante Vargas e nem os empreendimentos da Ditadura Militar revelam a perseguição aos integrantes do movimento de esquerda do Brasil. Logo, os empreendimentos do Estado totalitário materializam-se, são coisas, induzem ao prazer pela sua grandiosidade, formam saber, geram discurso e disseminam-se. Foucault assim se expressa: “O poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que funciona em cadeia. (...) O poder funciona e se exerce em rede” (FOUCAULT, op.cit., p. 183).

O exercício do poder perpassa todo o corpo social por meio dos sistemas de signos por ele usados, que atingem os indivíduos que se tornam seus primeiros efeitos. Por esse motivo, não se concorda com Foucault quando declara:

*Creio que aquilo que se deve ter como referência não é o grande modelo da língua e dos signos, mas sim da guerra e da batalha. A historicidade que nos domina e nos determina é belicosa e não lingüística. Relação de poder, não relação de sentido (IBIDEM, p.5).*

Diferentemente do que afirma Foucault, a grande referência para se compreender a História é o sistema de signos, visto que o homem, além de outras denominações, é homo signans, que a tudo dá sentido, mesmo que seja para justificar sua ação belicosa ou para impor sua ideologia. É nesse universo sígnico que ele se impõe por meio de

linguagens: objetos ou empreendimentos portadores de sentidos, que se somam e se modificam. Os empreendimentos transformam-se em símbolos de poder e permanecem, adquirindo outros significados, como os símbolos na concepção de Barthes. Esses signos, sob o ponto de vista dualista, possuem um significado implícito (primeiro, oculto), ao qual se acrescenta um outro explícito, que se generaliza. Como rede produtiva, os signos do poder condicionam-se em determinados períodos e generalizam-se, modificando, porém, seu sentido em outros períodos, em que a massa se relaciona com o poder por meio das linguagens que ele lhe impôs, para discipliná-la pelo discurso. Mas, tempos depois, os empreendimentos grandiosos que ocultam também a submissão e o controle, passam a ter um outro significado: o culto e a reverência ao totalitarismo.

### NOTAS

[1] Georges Burdeau, em O Estado, afirma: “Não tendo outra realidade além da conceptual, ele só existe porque é pensado” (2005, p. 10).

[2] Segundo Spengler (1993), quando a lei é reconhecida e instituída por um longo tempo, constitui a paz e a política é um substituto temporário para a guerra, o qual utiliza armas intelectuais.

[3] Dirigindo-se à mulher de Speer, Hitler diz: “Seu marido erigirá para mim edificações tais como já não se fazem há quatro mil anos”. Ao dizê-lo, ele pensa nos egípcios, particularmente nas pirâmides, não só devido à sua grandeza, mas também porque elas perduraram ao longo desses quatro milênios (CANETTI, 1990, p.178.)

[4] Refere-se a Isaac Epstein (1991), O Signo, capítulo 1 — Signos, Veículos de Variedade.

[5] Burdeau (2005, p. 12) explica a existência do poder: Existe poder quando a potência, determinada por uma certa força, se explica de uma maneira muito precisa. Não sob o modo da ameaça, da chantagem etc., mas sob o modo da ordem dirigida a alguém que, presume-se deve cumpri-la. Weber chama de Herrschaft e Raymond Aron traduz por dominação (Herr = dominus = senhor).

[6] A Igreja de São Pedro dos Clérigos, cuja construção datava de 1733, foi demolida em 1944. Disponível em <<http://www.suapesquisa.com/vargas/>> [Acesso em: 27 ago. 2007.]

[7] Vargas fez como fizera, na Itália, Benito Mussolini, em 1927, com a criação da Carta Del Lavoro.

[8] Refere-se aqui à concepção de sentido apresentada por Umberto Eco (1971), em A Estrutura Ausente, assim como por Roland Barthes (1979), que conceitua a significação como processo, no livro Elementos de Semiologia.

## REFERÊNCIAS

- ARENDDT, Hannah. *Origens do Totalitarismo: Anti-Semitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- BARTHES, Roland. *Elementos de Semiologia*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- BURDEAU, Georges. *O Estado*. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- CANETTI, Elias. *A Consciência das Palavras (Ensaio)*. São Paulo: Cia das Letras, 1990.
- ECO, Umberto. *A Estrutura Ausente: Introdução à Pesquisa Semiológica*. São Paulo: Perspectiva/Edusp, 1971.
- EPSTEIN, Isaac. *O Signo*. São Paulo: Editora Ática, 1991.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1996.
- PEIRCE, C. S. *Semiótica*. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- PENGLER, Oswald. *O Homem e a Técnica*. Lisboa: Guimarães Editores, 1993.